

## **A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE LUTA TERRITORIAL CAIÇARA NO MUNICÍPIO DE PARATY**

Humberto Miranda de Carvalho

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ

humberto.bob@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho busca elucidar a forma como a educação formal influencia a aprendizagem dos alunos caiçaras, contextualizando a educação como um instrumento do direito a cidade e da compreensão e luta por seu lugar de vivência, no município de Paraty no Rio de Janeiro. Na pesquisa foram consultados professores, alunos, pais, secretaria de educação e a coordenação da escola para o entendimento da relação da cultura caiçara com a escola. Ao final, entende-se que a questão da educação formal para os alunos caiçaras se torna fundamental para o entendimento de pertencimento, valorização local e conseqüentemente a defesa de seu território.

**Palavras-chave:** Território; Caiçaras; Educação Formal

GT – 17: Geografia e Apropriação Urbana: Ensino de Cidade e das Comunidades Tradicionais

## 1- INTRODUÇÃO

O município de Paraty localizado no extremo sul do estado do Rio de Janeiro possui uma diversidade étnico-cultural singular em relação ao seu entorno. Esta característica foi lapidada por séculos tendo seus primeiros habitantes os índios guaianases<sup>1</sup> (a maioria), que pouco intervieram no ecossistema na área correspondente a Paraty<sup>2</sup>. Nos meados do século XV, a Costa

Verde<sup>3</sup> começou a ser ocupada por portugueses que começaram a fundear povoados (MELLO, 2009). A ocupação crescente e os constantes conflitos entre portugueses e indígenas, fez reduzir este último grupo de forma vertiginosa, entretanto, não impediu que ocorresse a miscigenação entre os diferentes povos. Desta miscigenação surge uma população que rapidamente se multiplicou e a chegada do negro africano (como escravo), trouxe um contingente mestiço de índios, brancos e negros, que ocuparam as mais diferentes parcelas do território. Dentre os grupos de mestiços no cruzamento do português com o indígena, surgiu o caiçara, que vieram ocupar sobretudo os litorais entre a Região Sul e Sudeste brasileiro combinando a agricultura de subsistência, utilizando sobretudo a mandioca e praticando a pesca. Neste contexto que se inserem os caiçaras em Paraty, ocupando diversas áreas litorâneas do município, mantendo suas atividades de pesca ora com menos intensidade diante dos ciclos econômicos (cana-de açúcar, ouro, café), ora com maior intensidade (período de ostracismo econômico no início do século XX).

Ao longo de décadas, a cultura caiçara assumiu um protagonismo cultural local, desde o hino da cidade até a culinária. Entretanto, a abertura de estradas a partir da segunda metade do século XX, retirando o isolacionismo da cidade paratiense com a construção da rodovia Paraty-Cunha e Rio-

---

<sup>1</sup> Os índios Guaianás, segundo pesquisas, eram nômades e viviam da caça, pesca e coleta de frutos silvestres, ou seja, quando os recursos de uma região se esgotavam, eles caminhavam para outra, diferente de outras tribos, eles não habitavam em ocas, e sim tinham o hábito de viver em covas forradas com peles de animais e ramas. A chegada dos brancos e jesuítas trouxe desentendimento. Por volta de 1820, os índios estavam extintos e a terra encontrava-se em mãos de particulares. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2012)

<sup>2</sup> Paraty é um município pertencente ao Estado do Rio de Janeiro. O gentílico é paratiense. O município se estende por 925,1 km<sup>2</sup> e contava com 37 533 habitantes no último censo e cerca de 42 630 na estimativa de 2018. A densidade demográfica é de 40,6 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município. Vizinho dos municípios de Cunha, Ubatuba e Angra dos Reis, Paraty se situa a 45 km a Norte-Leste de Ubatuba a maior cidade nos arredores. Situado a 11 metros de altitude, de Paraty tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 23° 13' 0" Sul, Longitude: 44° 43' 4" Oeste.

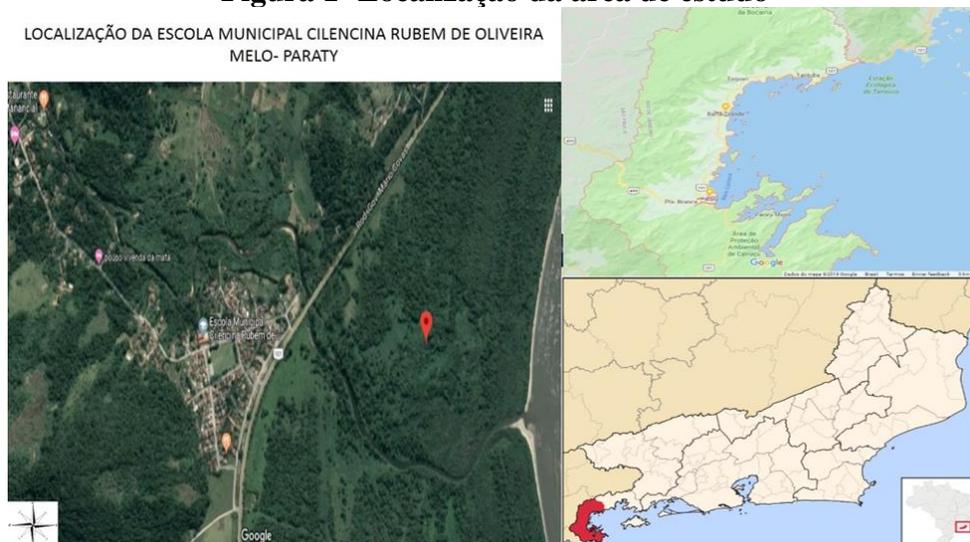
<sup>3</sup> (...) A partir da lei complementar nº 105 de 4/07/2002, os municípios de Paraty, Angra dos Reis, Mangaratiba e Itaguaí passaram a integrar uma nova Região de Governo, a chamada Costa Verde. A região conta com uma área total de 1.424.571 km<sup>2</sup>, uma população de aproximadamente 342.560 habitantes. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2002)

Santos, desta forma, chega-se na cidade muitos turistas e a especulação imobiliária nos locais de convivência caiçara, gerando conflitos fundiários os quais promoveram o deslocamento da população caiçara de alguns de seus locais de vivência ( como a área central e Laranjeiras ), além da atividade turística se tornar uma atividade cada vez mais rentável, removendo os caiçaras de suas áreas de vivência, afetando a identidade territorial. Além disso, a criação das unidades de conservação em Paraty para diminuir a pressão sobre a biodiversidade, principalmente por ocupações desordenadas e pesca predatória ilegal, também afetou de certa forma, o modo de vida caiçara que depende da natureza para sua subsistência, assim, suas atividades ficam cada vez mais restritivas e ameaçadas.

Os festejos da cidade são umas das principais formas de preservação e manutenção da cultura caiçara inseridas ainda no seio paratiense, como a festa do Divino Espírito Santo. Entretanto, há uma preocupação crescente com a manutenção dos vínculos culturais caiçaras a partir das gerações futuras que vão de práticas sociais cotidianas a manutenção de identidade cultural como também sua própria existência local.

Desta forma, a escola assume um papel muito importante junto com os pais neste contexto, como uma instituição fundamental para a constituição do indivíduo, ativando um espaço de desenvolvimento e aprendizagem que engloba todas as experiências contempladas nesse processo, considerando tudo como significativo, como os aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos. Assim, a educação se torna um instrumento de luta do povo caiçara pela garantia do território tradicional.

**Figura 1- Localização da área de estudo**



Fonte: Google Maps (adaptado). 2019

A pesquisa foi desenvolvida na escola municipal Cilencina Rubens de Oliveira Mello (a qual leciono), no bairro Barra Grande, localizado na zona rural de Paraty. Este bairro foi fundado por reivindicação dos moradores caiçaras a fim da legalização do uso e direitos a terra. Além disso, a escola atende diversas áreas onde possuem famílias caiçaras destacando-se as localidades de Tarituba, Praia Grande e Ilha do Araújo.

Assim, esta escola adquiri um protagonismo na transmissão dos valores universais sem prejudicar os costumes locais, na busca do fortalecimento por parte dos alunos do vínculo com seu lugar de vivência, logo seu território, fazendo prevalecer através da educação seu direito a cidade.

**Figura 2- Escola Municipal Cilencina Rubem Oliveira Mello**



Fonte: Acervo próprio. (2019)

## **2- FUNDAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS**

A palavra Caiçara era usada para nomear as estacas postas em volta das tabas ou aldeias, e o curral criado de galhos de árvores enfiados na água para cercar os peixes. Ao passar dos anos, o termo também passou a ser utilizado para as palhoças feitas nas praias para afugentar canoas e os apetrechos dos pescadores. Anos mais tarde, caiçara foi utilizado para todos os indivíduos e

comunidades do litoral dos estados do Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo (ADAMS, 1999). Este grupo se estabeleceu nas áreas litorâneas, não acompanhando a interiorização e modernização, vivendo sobretudo até a década de 1950 com uma relação menos tecnológica com a natureza, com suas atividades oscilantes diante da variabilidade dos ciclos econômicos (DIEGUES, 1988). Sua convivência em pequenos grupos, estabelecendo vilas com uma agricultura de subsistência e pesca artesanal, foi uma característica marcante dos caiçaras. Além disso, a questão geográfica contribuiu para seu isolacionismo, como a Serra do Mar, e as baías permitiram pescas generosas, este tipo de isolacionismo auxiliou na conservação dos seus costumes.

“(...)o tipo de vida fechada que se desenvolveu no litoral, quase que isolado do mundo de fora em termos de produtos e influências, por causa da falta de poder aquisitivo, resultou em "um aproveitamento intensivo, quase exclusivo e mesmo abusivo dos recursos do meio, criando-se, por assim dizer, uma intimidade muito pronunciada entre o homem e seu habitat." (Mussolini, 1980 *apud* ADAMS, 1999, p. 65).

Apesar do seu aparente isolacionismo cultural, no campo econômico os povoados caiçaras ainda eram dependentes das grandes cidades.

“(...)A economia caiçara era caracterizada por uma oposição tanto à economia indígena primitiva, quanto à economia industrial. Seu sistema de produção era organizado para responder, em primeira instância, às necessidades domésticas, mas ainda assim o caiçara prescindia de insumos externos, para os quais precisava gerar um excedente: ferramentas, habitação, vestuário, sal, pólvora, entre outros.” (ADAMS, 1999, p. 7)

Entretanto, a chegada dos turistas e dos aparato tecnológicos começaram a alterar o modo de viver dos caiçaras, seja por questões de especulações imobiliárias, seja pela degradação ambiental, seja pelo fetiche da urbanização que retiram indivíduos de suas comunidades tradicionais e enfraquecem o tecido social, causando maiores ameaças a manutenção do vínculo territorial da própria comunidade.

O território “*é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder*”, e que o poder não se restringe ao Estado e não se confunde com violência e dominação. Assim, a definição de território tende a englobar além do território do Estado- Nação (SOUZA, 2001). Desta forma, o autor elucida que a formação de um território depende das relações sociais que indivíduos mantêm entre si, criando uma identidade com a área que vive lhe conferindo o direito de possuir determinada área. O autor ainda utiliza o termo desterritorialização, exemplificando as populações

indígenas que foram retiradas de suas áreas de vivência por séculos e realocadas em áreas fora da sua realidade e que este ato implica numa desterritorialização travestida de violência, uma forma da manifestação das relações de poder.

“(…) A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”).” (SOUZA, 2000, p. 84)

No contexto paritiense, se impor pelo território tradicional significa a busca por manter / restituir saberes, práticas, sociabilidades, formar de relação com o natural e patrimônios históricos culturais, entre diversos aspectos inerentes aos processos de territorialização de cada etnia. A educação formal nesse sentido significaria obter informação/ conhecimentos importantes para a criação e qualificação de suas formas de luta, ressignificar seus conhecimentos e fortalecer sua cultura, valores e tradição.

A educação formal é entendida aqui como um elemento importante para este processo de permitir a opção de mais um instrumento no direito a cidade pelos caiçaras, sendo definida a partir de três objetivos básicos: a formação da pessoa humana, o desenvolvimento da ciência e o domínio da técnica, e em conjunto é primordial para a inserção do homem na sociedade e conviver de acordo com as regras (GANDIN, 1995). Neste sentido, a escola é a responsável para a execução da educação formal, onde ocorre a mediação dos conhecimentos científicos, compartilhamento de diversas experiências e criação de sociabilidades.

“Esses três fins tem relação com as necessidades humanas mais fundamentais: a ciência é o meio indispensável para compreender a realidade, a técnica é utilizada para transformar essa realidade, visando o bem estar, e a formação é entendida aqui como elemento básico na realização da identidade das pessoas e dos grupos, incluindo a própria utilização da ciência e da técnica.” (GANDIN, 1995, p.96)

Através da educação formal escolar, fundamentam-se os conhecimentos que formam a capacidade de pensar criticamente as mazelas e desafios enfrentados pela realidade social.

“Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognoscitivas. (LIBANEO, 1994, p.177)

Embora ocorra uma discussão sobre a educação formal brasileira de forma que seja responsável também pelo aprofundamento das desigualdades sociais (via precarização da escola pública), segundo Souza; Loureiro (2015) as comunidades caiçaras veem através da educação formal escolar auxiliar no reconhecimento e luta pelos seus direitos básicos, contra uma sociedade hegemônica que vem tentando dominar seus espaços. Embora se trabalhe nesta pesquisa com a educação formal escolar, ressalta-se a educação informal, a qual é realizada sobretudo pelo desenvolvimento das práticas tradicionais em comunidades, passadas de geração a geração pela oralidade e experiência, que é essencial para a manutenção do vínculo de identidade territorial.

Para a operacionalização deste trabalho, ainda foi utilizado o conceito de educação diferenciada, onde se estabelece novas estratégias educacionais a partir do cotidiano, entretanto, sem deixar de se relacionar com as influências externas e os aspectos políticos que incidem sobre o território. Desta forma, é necessário identificar métodos que contribuam para que ocorra de forma mais eficiente uma abordagem pedagógica diferenciada.

A forma de educar do ponto de vista formal associado ao mesmo tempo com as externalidades é visto em Vygotsky, onde o psicólogo defende que as possibilidades que o local desempenha ao indivíduo são essenciais para que este se torne um ser lúcido e consciente, capacitado da possibilidade de modificar as circunstâncias em que vive. Logo, o acesso a instrumentos físicos ou simbólicos produzidos por gerações anteriores.

As interações sociais na ótica sócio-histórica auxiliam pensar um indivíduo em constante construção e modificações que, mediante as interações sociais, obtém e confere novos significados e olhares para a convivência em sociedade e acordos grupais. Desta forma, a escola se gradua como um elemento chave, onde o professor auxilia na condução desse processo, um elo entre a externalidade e o local para uma compreensão interacional de seu lugar no mundo e da importância do seu território.

Para confeccionar o trabalho foi seguido pelos seguintes procedimentos:

**Tabela 1- Procedimentos metodológicos.**

<b>AÇÕES</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>PERÍODO REALIZADO</b>
Levantamento Bibliográfico	Fundamentação teórica para a realização da pesquisa	Todos os meses de 2018
Conversas com o representante da secretaria municipal de educação	Identificação de políticas municipais educacionais para uma educação formal diferenciada voltada para os alunos filhos de caiçaras	Maio de 2018
Conversas com a direção e a coordenação da Escola Municipal Cilencina Rubem de Oliveira Melo (CROM)	Identificar ações da escola no acolhimento das crianças filhas de caiçaras e planejamentos didáticos diferenciados.	De Agosto a Dezembro de 2018
Conversa com professores da escola (CROM)	Elucidar a abordagem em sala de aula acerca das diferentes realidades dos alunos oriundos de famílias caiçaras	Todo ano letivo de 2018, além do 1º e 2º bimestre de 2019
Conversa com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, oriundos de famílias caiçaras	Identificar a percepção dos alunos sobre a educação formal escolar e seu cotidiano. Elucidar como a escola tem contribuído ou não para a manutenção do vínculo com a cultura caiçara	Todo o ano letivo de 2018, além do 1º e 2º bimestre de 2019
Visitação aos locais de onde vem a maior parte dos alunos de famílias caiçaras ao CROM	Analisar as percepções dos pais dos alunos sobre a importância da educação formal escolar para a cultura caiçara.	Realizado nos meses de Janeiro e Dezembro de 2018, além de Janeiro e Abril de 2019.

Elaboração de Didáticas Referentes a Educação Diferenciada	Estabelecer um processo educativo contextualizando a realidade local	Realizado nos dias letivos em 2018 e 2019
Avaliação de Métodos sociointeracionista	Identificar projetos que utilizaram pensadores que discutem o termo, além mensurar sua eficiência no ambiente escolar	Estudo avaliado durante os anos de 2018 e 2019

Fonte: Elaboração própria. 2019

Além disso, há também neste trabalho uma análise do autor (minha) na perspectiva de um docente da CROM como professor de geografia, reportando os projetos e dificuldades em sala para a elaboração de projetos diferenciados que visassem um auxílio pedagógico para a compreensão do espaço geográfico adaptado para suas óticas de interpretação do mundo, além do constante diálogo para uma aprendizagem mútua e integradora com os alunos de famílias não caiçaras.

### 3- DESENVOLVIMENTO

O encontro com representante da secretaria municipal de Paraty ocorreu na própria CROM, sendo relatadas as políticas municipais educacionais que envolvessem a cultura caiçara. Logo no início foi dito sobre a construção recente de uma escola de ensino fundamental no Pouso da Cajaíba, onde se tem uma grande quantidade de famílias caiçaras e elas tinham muitas dificuldades de levar seus filhos para estudarem na cidade, dependendo muitas vezes das condições climáticas para o transporte a barco para a cidade. Entretanto, há uma dificuldade de suprir a demanda de professores para atender os alunos do Pouso. Além disso, há diversas parcerias com outras instituições privadas e públicas que visam atividades cooperativas com os caiçaras, como por exemplo o Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) que realiza trabalhos com oficinas em escolas e nas suas instalações, visando o fortalecimento da cultura caiçara como patrimônio. Em conversa com um dos professores que lecionam na escola do Pouso, foi relatado que a orientação da prefeitura é de um planejamento diferenciado mais flexível com a realidade local, focado principalmente em projetos, como por exemplo uma orientação cartográfica simulando a passagem de barco em Paraty ou nas trilhas que cortam a Área de Proteção Ambiental Cairuçu. Do ponto de vista da grade

curricular oficial, não há menção que se trabalhe de forma diferenciada com os alunos, o que se torna um problema, a partir do momento que o município possui grupos quilombolas e indígenas que dependem das escolas públicas municipais.

Na conversa com os professores da CROM, foi exposto que não há orientações da secretaria de educação para uma abordagem diferenciada acerca da cultura caiçara. A iniciativa de fazer alguma abordagem integrante e que se trate dos alunos caiçaras parte individualmente de cada professor. Desta forma foi feito um levantamento dos professores por disciplinas que trabalham com projetos integradores para alunos caiçaras.

**Tabela 2- Professores participantes**

<b>Disciplina</b>	<b>Professores que fazem projetos voltados para a cultura caiçara</b>	<b>Total por disciplina</b>
Português	5	5
Matemática	2	5
Geografia	4	6
História	2	3
Ciências	2	3
Artes	2	2
Educação Física	1	3

Fonte: Elaboração própria. 2019

Conforme a tabela acima, todos os professores de português responderam atuar também com uma pedagogia diferenciada, focando sobretudo na literatura local em consonância com o conteúdo da educação formal. Elas procuram através da literatura dar ao aluno reconhecimento do pertencimento ao seu local de vivência. Já entre os professores de matemática, a atividade diferenciada é focada em atividades de medidas (embarcações por exemplo) e cálculo de peso. Para os professores de geografia, há trabalhos fora da escola com passeio de barco e explicação sobre instrumentos de pesca, além disso, há atividades em sala com apresentações de culinárias e vestimentas típicas. Vale ainda salientar a utilização dos conceitos de território e lugar para o

reconhecimento do aluno de sua cultura e o quanto isso é importante para seguir mantendo suas tradições e conseqüentemente uma consolidação territorial.

Para os professores de história há sobretudo uma preocupação sobre a narrativa que se dá sobre a fundação e formação de Paraty nos dias atuais, porque a literatura que se dá, privilegia sobretudo um passado colonial, marginalizando a importância caiçara. Este tipo de discurso pode trazer a invisibilidade da sua cultura e passar para o aluno que as atividades feitas por seus antepassados não foram tão importantes a ponto de serem mencionados. Assim, os professores de história, procuram ser flexíveis a tal ponto de trazer a importância sobre a cultura caiçara para o município de Paraty e o quanto é importante territorialmente o aluno manter suas raízes históricas.

Os professores de ciências fogem da sua grade curricular para tratar especificamente do modo de vida caiçara, com apresentações de trabalhos e culinária. Já os professores de artes valorizam a questão estética da paisagem e reprodução de apetrechos caiçaras, enquanto o único professor de educação física que trabalha com a temática, faz passeios e apresentações em sala com os alunos sobre culinária e vestimentas. Este professor salienta a valorização por ter pais e outros parentes caiçaras, desta forma, ele relata que pretende manter a configuração local caiçara através da educação, defendendo a “cultura legítima paritiense”.

**Figura 2- Área com alunos oriundos de família caiçara**



Fonte: Google Earth/ Adaptado. (2019)

Em relação aos alunos, participaram cerca de 40 alunos do segundo segmento das séries entre 6º e 9º ano que se consideram caiçaras ou advém de famílias caiçaras nas seguintes localidades: Barra Grande, Praia Grande, Tarituba e Ilha do Araújo.

Foi feito um levantamento com os alunos se eles achavam a escola importante para sua vida cotidiana, conforme a tabela abaixo:

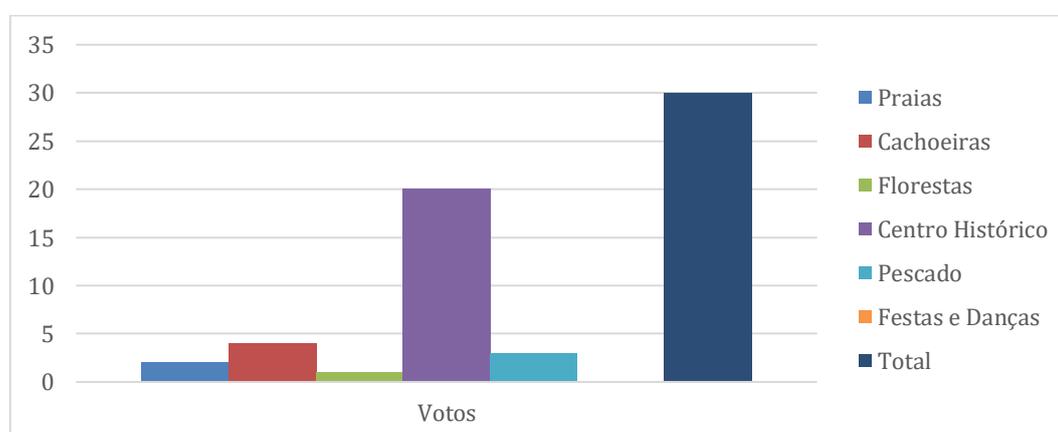
**Tabela 3- Voto da importância escolar para a vida cotidiana**

Sim	Não	Total
24	6	30

Fonte: Elaboração própria. 2019

Quando foi perguntado o porquê dos alunos não acharem importante, foi respondido que eles não conseguiam associar o conteúdo ao seu dia a dia. Aos alunos que disseram sim, foi salientado que os projetos escolares de leitura, como os conteúdos de geografia e história, os ajudam a conhecer o mundo e a entenderem a importância da sua cultura para o município. Outra questão que foi relacionada a qual elemento existente em Paraty que deva ser valorizado e preservado. As respostas foram expostas como o gráfico abaixo:

**Gráfico 1- Percepção sobre importância dos elementos paratienses.**



Fonte: Acervo Próprio. 2019

Conforme o gráfico acima, a maioria dos alunos responderam que o bem mais importante de Paraty é o Centro-Histórico, devido segundo eles, a importância histórica da cidade exaltado por uma estética agradável e por isso atrai muitos turistas sendo bom para cidade. Enquanto a justificativa para a escolha das demais alternativas se deu sobretudo pelo valor afetivo cotidiano.

Além disso, foi feito aos alunos, mais um questionamento referente a sua vida com as pescas, danças, festejos e religião, além da percepção da continuidade das práticas.

**Tabela 4- Escolha dos alunos por atividades que pretendem exercer/ manter**

Ações	Quantidade de alunos
Pesca	6
Danças	4
Festejos	22
Religião	16
Não exercer nenhuma atividade da cultura caiçara	8

Fonte: Elaboração própria. 2019 Obs: Havia a condição do aluno escolher mais de uma opção

Percebe-se que os festejos seguidos da Religião foram os principais a serem mantidos ou seguidos, a relação se explica sobretudo porque grande parte das festividades que ocorrem no município de Paraty, estão relacionados com os caiçaras e a religião católica, como a festa de São Pedro e Festa do Divino Espírito Santo. Além disso, a própria questão da sociabilidade foi uma das justificativas para a escolha das duas. Alguns alunos entendem que as festas e religiões são formas de ressaltar a identidade deles. Para a pesca, a justificativa da escolha se deu por conta da manutenção do vínculo como uma obrigação hereditária (de pai para filho), enquanto os que não querem ou pretendem mais levar as características culturais familiares adiantes, justifica afirmando que são atividades quem não dão o retorno econômico esperado, ora entende algo monótono, ou não tem o reconhecimento pelas atividades. Outra questão seria o esforço que se tem para exercer as atividades (sobretudo a pesca), onde requer por vezes um trabalho braçal e dedicação mais intenso. Por último, a pouca escolha das danças (como ciranda caiçara) se deu pela razão do pouco

conhecimento/ incentivos dos pais, enquanto aos que escolheram a dança, justificam que foi a influência dos pais que determinaram a participação das danças.

Já na entrevista com os pais dos alunos (10 pais), foi-se questionado como a escola se torna importante para o contexto cultural caiçara. Todos em unanimidade disseram que a escola era muito importante, pois só a questão da oralidade da transmissão dos costumes não são suficientes para viver na sociedade, é preciso desenvolver habilidades de leitura, criticidade e operações matemáticas para viver nas localidades ou fora delas, conseguir trabalhos formais não relacionados por exemplo a pesca, segundo os pais dos alunos. A educação para alguns pais, potencializa a inteligência e compreensão da realidade, para tomadas de decisões que privilegiem ou como estabelecer estratégias de resistência para a comunidade local, além de formar profissionais que contribuam para a permanência das comunidades caiçaras ali estabelecidas há décadas.

Entretanto, a crítica dos pais se deu sobretudo pela falta de proximidade da escola com a cultura caiçara, não tendo nos conteúdos curriculares uma ênfase a sua cultura, tanto como uma forma de maior reconhecimento por parte dos alunos que não são caiçaras, quanto para o estímulo para seus filhos para a aprendizagem/ manutenção do vínculo local. Um dos pais entrevistados chegou a enfatizar que a falta da didática diferenciada está contribuindo cada vez mais para o desinteresse dos filhos com as práticas caiçaras.

Já na CROM, durante a conversa com o coordenador e direção, foi relatado que ocorrem projetos durante o ano relacionado a cultura caiçara. Dentre os tais, foram destacados projetos literários com contos locais sobre a vida cotidiana, já que o bairro está localizado em meio a famílias de caiçaras. Além disso, houve a presença de memorialistas do bairro para narrar para as crianças um pouco da história de Paraty do ponto de vista de um senhor caiçara, até o estabelecimento local do direito a terra, por causa dos sucessivos conflitos fundiários que ali ocorreram no passado, transmitindo assim a importância de se reconhecer o passado de luta caiçara para preservar o futuro através do reconhecimento cultural local. Outra fato enfatizado foi o convite de um grupo caiçara para a apresentação para os alunos, da ciranda proveniente de Tarituba a fim de que os alunos conhecessem e se interessassem pela música e dança local.

**Figura 3- Cirandeiros de Tarituba se apresentando na CROM**



Fonte: Acervo próprio. 2018

Segundo a direção, não há de forma oficial uma determinação de que se trabalhe com educação diferenciada, porém, deixa-se a critério das escolas elaborarem didáticas de inclusão e reconhecimento cultural de forma flexível. Outro tipo de parceria que acontece na escola é com IPHAN, que oferece material e palestras com os professores para se trabalhar a cultura caiçara sob a discussão de patrimônio cultural.

Por último, as percepções do autor da pesquisa como professor enfatiza outras questões estruturais da escola que refletem na produção pedagógica voltada para a cultura caiçara. A superlotação de turmas, a falta de equipamentos e a desobediência constante dos alunos (frequente entre aqueles que não possuem um acompanhamento familiar), impedem que a aprendizagem do conteúdo da educação formal seja feita de forma satisfatória, atrasando o conteúdo programado, além disso, a superlotação impede que as particularidades de cada aluno seja tratado de forma específica, considerando suas realidades e adaptando-as a educação formal. Entretanto, a autonomia ao professor permitida pela escola, dando margem a elaboração de diversos projetos extra classe, como a realização de oficinas e passeios, além da proximidade dos professores com os pais que

são abertos a visitas a suas comunidades. Os trabalhos desempenhados estão relacionados ao reconhecimento de suas raízes históricas através dos relatos escritos dos pais na sala de aula com as turmas do sexto ano, enquanto o sétimo trabalhou sobre a culinária caiçara. Já para o oitavo ano foi trabalhado a globalização e as ameaças as comunidades tradicionais no contexto de Paraty, enquanto para o nono ano foi trabalhado as questões sobre os problemas ambientais para a pesca. Desta forma, foi-se feito um esforço da adaptação dos conteúdos da educação formal e o contexto cultural local, assim, o resultado foi a assiduidade maior dos alunos ao conteúdo geográfico, além dos relatos de maiores compreensões críticas acerca de suas realidades, como por exemplo, a colocação espontânea dos alunos em sala sobre a possibilidade da diminuição das unidades de conservação no município paritiense.

#### 4- CONCLUSÃO

As pressões sobre os caiçaras acerca dos seus territórios tradicionais, diante das assimetrias de poderes nos espaços de tomadas de decisões, das desigualdades de acesso à informação e às políticas públicas e da não garantia de seus direitos, torna a educação escolar uma protagonista para formação de futuros indivíduos que saibam manifestar seus direitos e traçar estratégias.

O município de Paraty possui uma diversidade cultural, entretanto, o poder público municipal não estabelece meios educacionais para manter as comunidades tradicionais inseridas na cidade que se desenvolve e cresce, apesar de manter no seu discurso oficial, inclusive pelo dossiê para a candidatura a patrimônio mundial, uma cidade marcada historicamente pela diversidade. As atividades educacionais voltados para as comunidades tradicionais são feitas na maioria das vezes por órgãos públicos (de diferentes esferas), privados e prefeitura (contribuindo muitas vezes só como apoio institucional).

A escola deve ser chamada para estar participando pela luta do território tradicional e pelo aumento da força das resistências ao projeto de sociedade hegemônico, que transforma em mercadoria as formas de vida e suas relações, que remove as populações e se apossam de suas terras, das suas formas existenciais, que colocam um padrão único desenvolvimentista a ser seguido e nega a acessibilidade dos direitos básico. Desta forma, comumente se diz que a educação forma tem que ser vista de outras formas do que somente vem sendo planejado e executado pelas escola de Paraty, pois ações pontuais de professores e coordenadores podem não surtir um efeito que atenda a

demanda dos alunos caiçaras, porque no panorama atual escolar, as escolas não reconhecem o papel de aliadas para superar as relações em que se encontram. Manter-se no território tradicional e conservar os modos de vida e práticas caiçaras é resistir às ações do capital hegemônico, é lutar contra a desterritorialização, a alienação e as remoções.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. **Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental.** Estudos avançados, São Paulo, v.24, n.68, pp.103-118, 2010.

ADAMS, Cristina. As Populações Caiçaras e o Mito do Bom Selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, 43(1), 2000.

DIEGUES, A. C. S. **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades Caicaras.** 1988. São Paulo: USP, 1988.37p.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como pratica educativa.** 8º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1995.

LIBANEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

RIBEIRO, Marlene. Educação rural. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.P.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. pp.295-301.

SAVIANI, Demerval. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do Projeto do MEC. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.100, pp.1231-1255, out. 2007.

SIQUEIRA, C. T. **Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no hip hop de São Carlos.** 2006, 144 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento.** In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.



\_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial/** Marcelo Lopes de Souza. – 2018. 4º ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 320p.: 23 cm.

VIANNA, Lucila P. **De invisíveis a protagonistas: populações tradicionais e unidades de conservação.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008. 340p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Scipione, 1993.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. **Desenvolvimento e conflitos ambientais: um novo campo de investigação.** In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.